

Deuteronômio 27: A Aliança, a Lei e o Caminho da Restauração

Comentário Bíblico Exegético — Versículo a Versículo | Tradução KJA | Perspectiva Cristocêntrica e Acadêmica

📖 DEUTERONÔMIO 27

✝ CRISTOCÊNTRICO

🎓 ACADÊMICO

Introdução: O Pacto no Limiar da Promessa

O capítulo 27 de Deuteronômio ocupa um lugar teológico singular no cânon hebraico. Situado no limiar da entrada de Israel na Terra Prometida, este capítulo marca uma transição decisiva: o povo deixa para trás a peregrinação no deserto e se prepara para a ocupação de Canaã. Não se trata, contudo, de uma mera transição geográfica, mas de uma **renovação solene da aliança** entre Yahweh e o Seu povo.

A palavra hebraica *berit* (בְּרִית), traduzida como "aliança" ou "pacto", é o eixo estrutural de todo o discurso mosaico que permeia Deuteronômio. No capítulo 27, essa aliança ganha forma litúrgica, memorial e judicial. Moisés, agora ancião e às portas da morte, transmite ao povo as instruções finais que determinarão a qualidade de sua vida na terra que Deus lhes concede.

Do ponto de vista cristocêntrico, este capítulo prepara o terreno para uma revelação posterior: a **insuficiência da obediência humana** e a necessidade de um Mediador perfeito. A Lei apresentada aqui não é um meio de salvação, mas um espelho que reflete a glória de Deus e a incapacidade do ser humano caído.

❶ O capítulo 27 é o único lugar em Deuteronômio onde tanto Moisés quanto os anciãos de Israel falam juntos ao povo (v. 1), sinalizando a solenidade do evento.



Contexto Histórico

Fronteira entre Moabe e Canaã, ~1406 a.C.

Personagens

Moisés, os anciãos e os levitas

Tema Central

Fidelidade à aliança como base da vida na terra

O Memorial de Pedras — Versículos 1–3

Os primeiros três versículos de Deuteronômio 27 registram uma ordem solene e precisa: no dia em que o povo cruzar o Jordão, deverá erguer grandes pedras e cobri-las com cal (gesso branco), escrevendo sobre elas **"todas as palavras desta lei"**. A instrução não é simbólica apenas; ela possui uma dimensão pública, pedagógica e perene.

A Função do Gesso (Cal)

A técnica de cobrir pedras com cal (hebraico: *sid* — טִישׁ) era amplamente utilizada no antigo Oriente Médio para tornar inscrições visíveis e duráveis. O gesso branco contrastava fortemente com a escrita, tornando o texto legível à distância. Este detalhe técnico revela que a Lei não era um documento privado, mas uma **declaração pública da soberania de Deus** sobre a nação.

Paralelos arqueológicos foram encontrados no Egito e na Mesopotâmia, confirmando a prática. A Estela de Mesha, por exemplo, demonstra como pedras inscritas serviam como monumentos nacionais de aliança e conquista.

Dimensão Cristocêntrica

Assim como as pedras de Ebal eram um testemunho permanente da Lei, Cristo é o cumprimento eterno de tudo o que a Lei exigia. O apóstolo Paulo declara que os crentes são *"epístolas de Cristo"* (2 Co 3:3) — não escritas em pedras, mas em tábuas de carne do coração, pelo Espírito do Deus vivo.

A durabilidade do memorial aponta para a eternidade da Palavra: *"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão"* (Mt 24:35).

1 Publicidade da Lei

A Lei era para ser vista por todos — israelitas e cananeus — declarando a soberania de Yahweh sobre a terra recém-conquistada.

2 Permanência do Pacto

A pedra caiada evoca durabilidade: a aliança de Deus não é temporária, mas eterna em sua natureza e implicações.

3 Plenitude da Obediência

"Toda a lei" — não partes escolhidas — deveria ser inscrita, apontando para a exigência total que somente Cristo cumpriu.

O Altar de Pedras Brutas — Versículos 4–7



O segundo elemento litúrgico do capítulo é a construção de um **altar de pedras não talhadas** no monte Ebal. A instrução é inequívoca: *"não levantarás sobre elas nenhum instrumento de ferro"* (v. 5). Esta proibição carrega um peso teológico profundo que vai além da simples liturgia.

A pedra bruta, intocada pela mão humana, simboliza a **integridade e a perfeição intrínseca da obra de Deus**. Qualquer intervenção humana — por mais habilidosa que seja — representaria uma tentativa de aperfeiçoar o que Deus declarou completo. O ferro, no contexto bíblico, é frequentemente associado à guerra, à conquista e ao poder humano (Js 17:16; Jz 1:19), tornando sua exclusão ainda mais significativa no contexto de um altar de adoração.

Sobre este altar, o povo deveria oferecer holocaustos e sacrifícios de paz. Os *shelamim* (שְׁלָמִים) — sacrifícios de paz — eram refeições comunitárias diante de Deus, celebrando a comunhão restaurada entre o Criador e Sua criação. A ordem de **"comer e alegrar-se"** (v. 7) revela que a Lei não era apenas um sistema penal, mas uma *convite à comunhão*.



Pedras Brutas

Representam a obra soberana de Deus, não contaminada pelo esforço humano — prefiguração da obra perfeita de Cristo.



Ausência do Ferro

O instrumento humano é excluído da adoração — nenhuma obra humana pode acrescentar valor ao que Deus ordenou.



Sacrifícios de Paz

A refeição diante de Deus antecipa a Mesa do Senhor — comunhão restaurada pelo sangue do Cordeiro.



Alegria da Aliança

A ordem de "alegrar-se" revela que a fidelidade à aliança não é fardo, mas bênção e gozo espiritual.



Aplicação Prática: Assim como as pedras brutas eram aceitas por Deus, o crente é aceito por meio de Cristo — não por suas obras polidas de religiosidade, mas pela graça soberana que não precisa de retoque humano.

A Santidade de Deus — Versículos 8–10

Os versículos 8 a 10 constituem um dos momentos teologicamente mais densos do capítulo. Após as instruções práticas sobre as pedras e o altar, Moisés reafirma com solenidade a identidade de Israel diante de Yahweh. A frase do versículo 9 ressoa como uma declaração constitutiva: **"Hoje vieste a ser povo do Senhor teu Deus"**. Este "hoje" não é apenas cronológico — é teológico.

A Eleição Soberana

A expressão hebraica *am segullah* (אֶמְסֻלָּה — "povo peculiar" ou "tesouro especial") ressoa nos versículos anteriores do livro (Dt 7:6; 14:2) e aqui é reafirmada no contexto da aliança renovada. Israel não se tornou povo de Deus por mérito ou conquista militar, mas por escolha soberana e graciosa de Yahweh.

Esta eleição tem implicações profundas: **a santidade de Deus exige uma resposta de obediência**. O versículo 10 conecta diretamente a identidade eleita com o imperativo ético: *"Ouvirás, pois, a voz do Senhor teu Deus, e observarás os seus mandamentos e os seus estatutos"*.

Dimensão Cristocêntrica

O Novo Testamento retoma esta linguagem de eleição e pertença em 1 Pedro 2:9-10: *"Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido"*. O apóstolo aplica a linguagem de Deuteronômio aos gentios que creram em Cristo, revelando que a verdadeira identidade como povo de Deus é mediada por Jesus.

Assim, o *"hoje vieste a ser"* do versículo 9 encontra seu cumprimento definitivo no momento em que o crente nasce de novo e é incorporado ao corpo de Cristo — o Israel de Deus (Gl 6:16).

"Hoje vieste a ser povo do Senhor teu Deus: ouvirás, pois, a voz do Senhor teu Deus, e observarás os seus mandamentos e os seus estatutos." — Deuteronômio 27:9-10 (KJA)

A Topografia da Aliança — Versículos 11–13



Os versículos 11 a 13 descrevem o **anfiteatro natural** formado pelos montes Gerizim e Ebal no vale de Siquém — um dos cenários mais dramáticos da geografia sagrada bíblica. Este arranjo topográfico não é acidental; é providencial. A acústica do vale permitia que as vozes projetadas dos dois montes fossem ouvidas por toda a congregação abaixo.

Seis tribos deveriam posicionar-se sobre o **monte Gerizim** (as bênçãos): Simeão, Levi, Judá, Issacar, José e Benjamim — tribos predominantemente associadas com as linhagens de Israel de maior proeminência espiritual e messiânica.

As outras seis tribos subiriam ao **monte Ebal** (as maldições): Rúben, Gade, Aser, Zebulom, Dã e Naftali. Esta divisão não era moral ou hierárquica — era litúrgica e pedagógica.



Monte Gerizim — A Bênção

Associado à vida, prosperidade e favor divino. Seis tribos proclamavam as bênçãos da obediência. Prefigura a vida em Cristo.



O Vale de Siquém

Espaço de escolha, testemunho e decisão. O povo estava literalmente "entre" a bênção e a maldição — imagem da condição humana diante de Deus.



Monte Ebal — A Maldição

Associado à morte e à consequência da desobediência. Prefigura o estado do homem fora de Cristo — sob o peso da Lei.



Nota Exegética: Josué 8:30-35 registra o cumprimento literal desta instrução, confirmando a historicidade do evento e a fidelidade de Israel à Palavra de Deus sob a liderança de Josué.

O Ministério dos Levitas — Versículo 14

O versículo 14 é aparentemente breve, mas teologicamente robusto: *"E os levitas proclamam, e dirão a todos os homens de Israel em alta voz"*. Esta frase introduz a série de maldições que se segue, mas sua importância vai além da função meramente introdutória.



A Autoridade Levítica

Os levitas eram a tribo designada para o ministério sagrado — guardiões da Torá, mediadores entre Deus e o povo. Sua voz não era apenas humana; era instrumental, carregando a autoridade da Palavra divina. Em alta voz (*qol gadol* — קול גדול), proclamavam a justiça de Deus ao centro da comunidade.



Prefiguração do Ministério da Palavra

O ministério levítico prefigura o ministério do pregador e do pastor no Novo Testamento. A proclamação pública da Lei — com clareza e autoridade — é o modelo bíblico para a pregação. Paulo exorta Timóteo: *"Proclama a palavra, insiste a tempo e fora de tempo"* (2 Tm 4:2).



Pastores como Guardiões

A função levítica de guardar e proclamar a Lei encontra seu cumprimento no ministério de Cristo — o Grande Sumo Sacerdote (Hb 4:14) — e é continuada pelos pastores e mestres que Ele mesmo concedeu à Igreja (Ef 4:11-12) para seu crescimento e edificação.



Aplicação Prática: O ministério da Palavra não é opção, mas mandato divino. Assim como os levitas proclamavam com autoridade e clareza, o pregador fiel não suaviza nem distorce a mensagem, mas a declara em toda a sua plenitude.

A Proclamação das Maldições — Versículos 15–26

Os versículos 15 a 26 registram as **doze maldições** proclamadas pelos levitas no monte Ebal — uma das passagens mais solenes e desafiadoras de todo o Pentateuco. Cada maldição é pronunciada sobre uma categoria específica de transgressão, cobrindo as dimensões religiosa, familiar, social, sexual e judicial da vida do povo.

Estrutura das Doze Maldições

O número doze não é acidental: corresponde às doze tribos de Israel, sinalizando que a aliança abraça a totalidade do povo. Cada maldição começa com a palavra hebraica *arur* (אָרַר — "maldito"), uma declaração formal de exclusão da bênção divina para aquele que pratica determinada transgressão.

A resposta congregacional — "*Amém!*" (*amen* — אָמֵן, "assim seja, confirmamos") — é teologicamente significativa. O povo não está concordando com a maldição sobre si mesmo de forma masoquista; está **ratificando a justiça de Deus** ao estabelecer tais limites morais. É um ato de adoração à santidade divina.

Cobertura Temática



Religiosa

Idolatria (v. 15)



Familiar

Honra aos pais (v. 16)



Social

Justiça e propriedade (vv. 17-19)



Sexual

Pureza moral (vv. 20-23)



Violência

Homicídio secreto (vv. 24-25)



Sumária

Toda a Lei (v. 26)

Idolatria e Desonra — Versículos 15–16

As duas primeiras maldições estabelecem os pilares da vida comunitária saudável: a **integridade religiosa** e a **estrutura familiar**. A sua posição inicial na lista não é casual — elas refletem a estrutura do Decálogo, onde os primeiros mandamentos tratam do relacionamento com Deus e os seguintes do relacionamento com o próximo.

Versículo 15 — A Maldição contra a Idolatria

A maldição sobre aquele que faz *"imagem de escultura ou de fundição, abominação ao Senhor"* retoma o primeiro e segundo mandamentos (Ex 20:3-4). O hebraico *toebah* (תועבה — "abominação") é um dos termos mais fortes do vocabulário moral hebraico, indicando asco e repulsa divinos.

Significativamente, a maldição recai sobre aquele que coloca o ídolo "em segredo" — revelando que Deus não é enganável. A religiosidade pública pode ser manipulada; o coração, não. **Deus vê o que é feito nas câmaras secretas da alma.**

Versículo 16 — A Maldição contra o Desrespeito aos Pais

O hebraico *mequalleh* (מקלל — "desonra", "amaldiçoa") descreve quem trata os pais com desprezo ou negligência. No contexto do antigo Israel, honrar os pais era o fundamento da transmissão da fé, da herança e da identidade do povo. A desestruturação familiar é sempre o prelúdio da desestruturação nacional.



Aplicação Contemporânea: A idolatria moderna raramente é esculpida em pedra. Ela assume a forma de ambição, prazer, aprovação humana e autossuficiência. O coração humano, como disse Calvino, é uma "fábrica perpétua de ídolos".

Injustiça Social — Versículos 17–19

Os versículos 17 a 19 revelam a dimensão **ética e social** da aliança. Deus não é apenas Senhor do templo; Ele é Senhor do mercado, do campo e do tribunal. As três maldições deste grupo protegem categorias específicas de pessoas vulneráveis — aqueles que, em qualquer sociedade, correm o maior risco de exploração.

V. 17 — A Maldição sobre o Deslocador de Marcos

Mover marcos de propriedade era o equivalente antigo da fraude imobiliária moderna. A Lei de Moisés era clara quanto à inviolabilidade das fronteiras (Dt 19:14; Pv 22:28). Deus protege a herança legítima de cada família israelita — pois a terra não pertencia aos homens, mas a Yahweh (Lv 25:23).

V. 18 — A Maldição sobre Quem Faz Errar o Cego

O cego representa o vulnerável por excelência — aquele que depende da integridade alheia para navegar pelo mundo. Enganar um cego era, para Israel, uma transgressão que gritava por julgamento divino. **Deus é o defensor dos que não podem se defender.**

V. 19 — A Maldição sobre a Perversão da Justiça

A tríade "estrangeiro, órfão e viúva" é uma das mais recorrentes em toda a Torah (Ex 22:21-22; Dt 10:18; 24:17). Estes três grupos representam aqueles sem representação legal ou protetor natural. Perverter-lhes a justiça era um ataque direto ao caráter de Deus, que é Pai dos órfãos e Defensor das viúvas (Sl 68:5).

"O Senhor vosso Deus é Deus dos deuses e Senhor dos senhores... que não faz acepção de pessoas... que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestido." — Deuteronomio 10:17-18 (KJA)

Do ponto de vista cristocêntrico, Jesus encarna o ápice desta ética quando declara bem-aventurados os pobres em espírito, os mansos e os misericordiosos (Mt 5:3-7). Ele mesmo se identificou com os marginalizados: *"Tive fome, e destes-me de comer"* (Mt 25:35). A ética cristocêntrica não é uma ética de poder, mas de serviço sacrificial.

Perversões e Violência — Versículos 20–25



Os versículos 20 a 25 constituem o núcleo mais sombrio das doze maldições, cobrindo crimes de natureza sexual e violenta — muitos deles praticados em segredo, longe dos olhos humanos. Esta seção é teologicamente crucial por uma razão específica: ela demoliu a ilusão de que o pecado privado não tem consequências públicas.

Os Crimes Sexuais (vv. 20-23)

As maldições cobrem incesto (vv. 20, 22-23), bestialidade (v. 21) e relações ilícitas específicas. O hebraico usa o verbo *shakab* (שָׁכַב — "deitar com") em contextos de transgressão da ordem criacional estabelecida por Deus. A sexualidade, no contexto bíblico, não é neutra — ela reflete a [ordem e o caráter do Criador](#).

O Homicídio Oculto (vv. 24-25)

A maldição sobre "aquele que ferir o seu próximo às ocultas" (v. 24) e sobre "aquele que tomar presente para ferir de morte a alma de sangue inocente" (v. 25) revelam a preocupação divina com a vida humana — imago Dei — que não pode ser suprimida por nenhuma transação ou sigilo.



Nota Teológica Importante: O pecado praticado em segredo não escapa ao conhecimento de Deus. "Não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar" (Hb 4:13). A série de maldições sobre pecados ocultos é uma afirmação radical da onisciência e da justiça de Yahweh.

Do ponto de vista da aplicação cristocêntrica, estes versículos nos conduzem ao coração do Evangelho: nenhum pecado é suficientemente oculto ou grave para estar além do alcance da expiação de Cristo. O sangue do Filho de Deus cobre todos os pecados confessados — os públicos e os secretos, os morais e os relacionais. *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça"* (1 Jo 1:9).

O Versículo Final: O Fardo da Lei — Versículo 26

"Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei para as cumprir."

— Deuteronômio 27:26 (KJA)

O versículo 26 é o ponto culminante e a chave hermenêutica de todo o capítulo. Após as onze maldições específicas, esta maldição final opera como um **diagnóstico universal**: não se trata mais de um pecado particular, mas da falha em confirmar (*qum* — ׀׀׀׀׀: "cumprir, estabelecer, manter de pé") *toda* a Lei.

A palavra *kol* (׀׀ — "toda, toda") é determinante aqui. Não se trata de observância parcial. A Lei exige conformidade total, não seletiva. Esta exigência absoluta cria um problema insuperável para a humanidade caída: **nenhum ser humano, exceto Cristo, jamais cumpriu toda a Lei em sua plenitude.**

O apóstolo Paulo reconhece esta realidade em Gálatas 3:10, ao citar este versículo para demonstrar que a justificação não pode ser obtida pelas obras da Lei. Todos que dependem das obras da Lei estão sob maldição — pois ninguém manteve todas as coisas escritas no livro da Lei.

Teologicamente, o versículo 26 funciona como o portão que fecha por dentro: a Lei é perfeita, mas o homem é imperfeito. A distância entre a exigência divina e a capacidade humana é intransponível por meios humanos. Este é o ponto de desespero que prepara o coração para o Evangelho.

12

Maldições Totais

Cobrando todas as dimensões da vida humana — da religião à violência privada

1

Diagnóstico Final

Todo ser humano, sem exceção, está sob o veredito do v. 26 fora de Cristo

0

Exceções Humanas

Nenhum ser humano cumprirá toda a Lei por méritos próprios — somente Cristo o fez

O Fim da Lei: Cristo como Cumprimento Perfeito

A perspectiva cristocêntrica de Deuteronômio 27 atinge seu ápice quando chegamos ao apóstolo Paulo em Gálatas 3:10-14 — a interpretação apostólica mais direta deste capítulo. Paulo não cita o versículo 26 como uma ameaça distante; ele o usa para demonstrar a impossibilidade estrutural da justificação pela Lei e a necessidade absoluta da graça de Cristo.

Gálatas 3:10 — O Diagnóstico

"Porque todos os que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da Lei, para fazê-las."

Paulo cita Deuteronômio 27:26 para mostrar que a Lei, em vez de prover salvação, apenas confirma a condenação. A lógica é inexorável: se a maldição recai sobre quem não cumpre toda a Lei, e nenhum ser humano cumpre toda a Lei, então todos os seres humanos estão sob maldição. Esta é a condição universal da humanidade fora de Cristo.

Gálatas 3:13 — A Redenção

"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro."

A solução de Paulo é ousada e central: **Cristo se tornou maldição por nós**. Na cruz, o Filho de Deus assumiu sobre si a **totalidade da maldição que a Lei pronunciava sobre a humanidade**. Esta é a substituição penal em seu ponto mais claro: o inocente suportando o julgamento merecido pelo culpado.

A citação de Deuteronômio 21:23 (*"Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro"*) é deliberada: Jesus, ao morrer na cruz, carregou a maldição da Lei de forma literal e vicária. O altar de Ebal encontra seu cumprimento definitivo no Calvário.

A Lei Revela

A maldição exposta
(Dt 27:26)



Os Redimidos

Recebem a bênção
prometida (Gl 3:14)



Cristo Torna-se

Jesus assume a
maldição (Gl 3:13)



A Lei como Espelho: Conhecendo Nossa Necessidade



Martinho Lutero descreveu a Lei com uma metáfora que permanece insuperável: ela é o "**espelho**" que revela ao ser humano sua condição real. Assim como um espelho não cria a sujeira que reflete, mas a torna visível, a Lei não cria o pecado, mas o expõe com clareza inexorável.

Deuteronômio 27 é, neste sentido, um espelho de alta resolução. As doze maldições cobrem todos os ângulos da vida humana — pensamentos secretos, relações familiares, transações comerciais, sexualidade e violência. Diante deste espelho, nenhum ser humano pode se declarar limpo. Esta é a função pedagógica da Lei descrita por Paulo em Gálatas 3:24: "*O que nos levou a Cristo*" (*paidagogos* — instrutor/guardião).

→ Passo 1: Honestidade Diante da Lei

A aplicação prática começa com a disposição de sentar diante da Lei de Deus sem defesa ou justificativa. Cada maldição de Deuteronômio 27 é um convite ao autoexame honesto. Onde está minha idolatria oculta? Como trato os vulneráveis? Qual é a qualidade da minha obediência a Deus?

→ Passo 2: O Desespero Produtivo

A Lei deve produzir um desespero de nós mesmos — não um desespero paralisante, mas um desespero que nos expulsa para os braços de Cristo. Quando o versículo 26 ecoa em nossa consciência ("maldito aquele que não confirmar toda a Lei"), a resposta correta não é o esforço redobrado, mas a entrega ao Mediador perfeito.

→ Passo 3: Graça Ativa na Vida Diária

Compreender que Cristo cumpriu a Lei em nosso lugar não nos liberta da ética, mas nos liberta *para* a ética. O crente que entende a graça não obedece por medo da maldição, mas por amor ao Deus que enviou Seu Filho para nos resgatar. A lei é agora escrita no coração (Jr 31:33), não gravada em pedras.



Aplicação para a Igreja: A pregação de Deuteronômio 27 deve sempre caminhar em dois movimentos — primeiro, deixar que a Lei faça seu trabalho de convicção; depois, apresentar Cristo como o único cumprimento perfeito. Lei sem Evangelho gera legalismo. Evangelho sem Lei gera antinomismo. O equilíbrio bíblico é a marca da pregação

O Altar de Cristo: O Sacrifício Definitivo

O altar de pedras brutas em Ebal exigia sacrifícios repetidos, ano após ano, sangue sobre sangue — um sistema que, por sua própria repetitividade, proclamava sua incompletude. O sacrifício de Cristo é o altar definitivo que encerra toda a era dos altares temporários.

O Altar de Ebal

Pedras brutas, sacrifícios repetidos, sacerdotes transitórios, sangue de animais — um sistema que apontava para além de si mesmo, nunca capaz de tornar perfeito o adorador (Hb 10:1).

O Altar do Calvário

Um único sacrifício, de uma vez por todas, pelo Sumo Sacerdote eterno, com sangue precioso — capaz de limpar a consciência de obras mortas para servir ao Deus vivo (Hb 9:14). "Está consumado!" (Jo 19:30).

A Plenitude do Cumprimento

Hebreus 10:11-14 apresenta a antítese definitiva: *"E todo sacerdote se apresenta cada dia a ministrar, e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; mas este, depois de ter oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus."* O "assentou-se" de Cristo é o sinal de que a obra está completa. Nenhum sacerdote jamais se sentou no templo — porque o trabalho nunca estava terminado. Cristo sentou-se porque **está consumado**.

O "Amém" Final do Povo de Deus

Quando o povo respondia "Amém" às maldições no vale entre Gerizim e Ebal, eles estavam reconhecendo a justiça de Deus e a seriedade do pecado. O "Amém" do crente hoje tem uma dimensão ainda mais profunda: é a confirmação de que Cristo disse o "Amém" definitivo à Lei, ao julgamento e à maldição — e que pela fé em Ele, somos transferidos de Ebal para Gerizim, da maldição para a bênção, da morte para a vida.

"Porque todas as promessas de Deus nele são sim, e nele amém" (2 Co 1:20).

Dr. Teologia Prof. Jônatas Silva da Cruz
Teólogo

 SOLI DEO GLORIA

 DEUTERONÔMIO 27

 CRISTOCÊNTRICO